



CONSCIÊNCIA DE CLASSE E LUTA POR DIREITOS NAS REDES DE *FAST FOOD*

ROSA, Leticia B. P.

RESUMO:

Esse artigo, fruto de um projeto de tese em desenvolvimento, tem como objetivo apresentar algumas questões que perpassam a discussão do trabalho em redes de *fast food*. A partir da compreensão de que os trabalhadores inseridos nesses espaços sofrem intensa exploração, são apontados elementos que contribuirão para o entendimento da forma como a ideologia opera em suas lutas por direitos. Apresenta-se, portanto, uma breve discussão sobre o trabalho nesses espaços, considerando o perfil etário predominante desses trabalhadores – jovens – e uma breve discussão acerca de ideologia e consciência de classe, que irá subsidiar as pesquisas a serem desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia, consciência de classe, *fast food*.

INTRODUÇÃO

O modo de produção capitalista historicamente desenvolve diferentes estratégias que possibilitam o aumento da acumulação, sendo a ampliação da exploração da força de trabalho um dos mecanismos essenciais a esse processo.

São desenvolvidos novos modelos produtivos, investe-se em novas formas de regulação e são utilizadas diferentes estratégias de gestão da produção e do trabalho, que permitirão que a extração de mais-valia se amplie cada vez mais.

A partir da reestruturação produtiva na década de 1970, a ofensiva do capital tem exacerbado os mecanismos de exploração nos diferentes setores da economia, abrangendo tanto a produção quanto os serviços.

O setor de serviços, com sua expansão, vem cada vez sendo mais estudado. Destacam-se as pesquisas realizadas em espaços como bancos ou *call centers*. No entanto, em seu interior, há um segmento de trabalhadores para o qual pouco se dirige o olhar: os restaurantes de comida rápida – ou, como são popularmente conhecidos, os *fast foods*.



Sabe-se que as determinações que configuram a esfera da produção impactam diretamente os padrões de regulação da reprodução social. Ideologias e práticas sociais refletem e influenciam na dinâmica do capital.

A partir de tal compreensão, esse artigo apresentará algumas considerações acerca do trabalho nas redes de *fast food*. Fruto do projeto de tese desenvolvido pela autora, irá apontar algumas sistematizações teóricas que irão subsidiar a pesquisa sobre a forma como a ideologia opera na luta por direitos dos trabalhadores da rede McDonald's¹.

1. JUVENTUDE E EXPERIÊNCIA DE TRABALHO NAS REDES DE *FAST FOOD*

A partir dos estudos já empreendidos, que compreenderam a forma como se organizam a produção e a gestão do trabalho nas redes de *fast food* e qual o impacto dessa experiência para os trabalhadores, pôde-se aferir que nas franquias de comida rápida, a exploração da força de trabalho se dá de forma aguda, revestida por uma ideologia que exalta a cultura da fragmentação do tempo, a robotização e a descartabilidade do sujeito.

É importante destacar que as redes de *fast food* são sustentadas por um segmento etário específico de trabalhadores, a juventude. Segundo dados disponíveis no sítio eletrônico da empresa McDonald's – a maior e mais conhecida do ramo – cerca de 70% dos seus funcionários encontram na empresa seu primeiro emprego (MCDONALD'S BRASIL, 2016).

Quando se debate sobre juventude, uma discussão recorrente é a da inserção do jovem no mercado de trabalho. A literatura, assim como pesquisas recentes, registra que os jovens representam o segmento etário mais afetado pelas mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho.

Pochmann (1998) afirma que o trabalho e a sua ausência se constituem em um campo de experiências da juventude. Relacionadas a esse campo, são diversas as preocupações que vão permear o ideário juvenil – apreensões que vão desde o desejo de conquistar a independência financeira em relação aos pais até situações de sobrevivência.

¹ A escolha dessa empresa se deve a sua expressividade e abrangência. Além de ser a maior cadeia presente no país, é a mais conhecida, afora o fato de ser reconhecida também como grande empregadora de jovens e grande exploradora de trabalho.



É importante salientar, como pressuposto da discussão apresentada que, apesar de se falar em juventude enquanto categoria geracional, a mesma não pode ser tratada de forma genérica. Sabe-se que muitos são os determinantes que irão condicionar as formas de se experienciar a juventude. Como afirma Sposito (2003), pode-se falar em “juventudes”, já que classes sociais, relações de gênero, lugares de origem, dentre outros, são condicionantes que devem ser analisados quando se debate geração. Nesse sentido, destaca-se nesse artigo a condição de classe, pois a juventude da classe trabalhadora possui particularidades que irão impactar diretamente sua relação com a experiência do trabalho.

Para os jovens dessa classe social, a inserção no mercado de trabalho apresenta-se, portanto, como uma situação dramática, agravada em casos em que os mesmos sofrem pela falta de acesso. Campos (2010) afirma que

Percebemos um nítido recorte a partir da origem de classe dos jovens brasileiros. Em geral, todos enfrentam dificuldades ao entrar no mercado de trabalho. Entrar no mercado de trabalho não significa garantir uma ocupação; é colocar à venda sua força de trabalho por determinado tempo. A maioria dos jovens que se coloca à disposição não conseguem vender sua força de trabalho, contribuindo, dessa forma, com a elevação das taxas de desemprego. Entre os que têm origem em famílias pobres, a maioria apenas trabalha e não estuda, possui ensino fundamental incompleto e recebe rendimentos médios inferiores a 1 salário mínimo. Como consequência de sua origem social, essa maioria está submetida a um padrão de inserção ocupacional absolutamente desfavorável, superdimensionando os problemas mais gerais do mercado de trabalho brasileiro (CAMPOS, 2010, p.50).

Dessa forma, percebe-se que a juventude, quando inserida no mercado de trabalho, o está muitas vezes sob formas de exploração explícita ou sob condições precárias.

Diante desse cenário, o capital se utiliza da falta de oportunidades oferecidas aos jovens como uma estratégia para se apropriar de seus corpos e suas mentes. Apoiando-se no idealizado corpo ágil e saudável da juventude, as empresas sustentam seus padrões de rapidez e modernidade.

Rosa (2013) afirma que o McDonald's exerce forte influência sobre a construção da subjetividade de seus jovens trabalhadores. Sabe-se que todas as experiências vividas pelos sujeitos vão influenciar esse processo. Ressalta-se, porém, que tal rede desenvolve mecanismos e estratégias – com o objetivo de expandir sua acumulação – que atingem diretamente a construção e formação desses jovens.



A empresa estudada trabalha constantemente o imaginário de seus funcionários, e muitos deles passam a “amar tudo isso”². Os estudos já realizados demonstraram que muitos jovens não reconhecem as práticas de exploração por parte da empresa, assim como também indicaram que, após se desligarem da rede e se inserirem em outros empregos, essa prática torna-se evidenciada.

Considera-se que os jovens – majoritariamente os que se encontram em situação de primeiro emprego – assimilariam melhor as normas e a padronização demandada nesse tipo de estabelecimento, ao mesmo tempo em que questionariam menos as exigências do exercício profissional diante da inexperiência e da falta de conhecimento de outras esferas do mundo do trabalho.

Dessa forma, a política de contratação de jovens inexperientes demonstra-se como estratégia essencial à empresa, favorecendo suas práticas padronizadoras e em alguns aspectos, abusivas. Nesse sentido, é importante desmistificar a conotação social atrelada a essa política da rede e perceber, para além do imediato, que existem outras determinações que compõem o sistema adotado pelo McDonald’s.

A padronização dos atendimentos, por meio de *scripts* (frases pré-determinadas que são utilizadas em todos os atendimentos) e simulação de situações (padronização da conduta que prevê situações de exceção) condiciona o jovem a práticas determinadas.

Além disso, a utilização do “cliente misterioso” (cliente oculto, contratado pela empresa, que estaria no restaurante se passando por um consumidor comum a fim de avaliar a qualidade do serviço prestado), assim como a exigência da agilidade cronometrada em cada uma das ações, colocam os trabalhadores sob situações constantes de estresse.

É importante ainda destacar denúncias publicadas no Jornal Brasil de Fato (2013) e relatos apresentados por Rosa (2013) que apontam estratégias utilizadas pela empresa que descumprem legislações trabalhistas, implicam em problemas de saúde para seus trabalhadores, além de influenciar diretamente a vida social desses jovens, devido à dinâmica de organização da jornada de trabalho.

Os impactos para a juventude de determinadas formas de gestão da produção, como a adotada pela rede (no que diz respeito à restrição do desenvolvimento de sua

² Alusão ao o *slogan* “Amo muito tudo isso” (do original inglês *I’m lovin it*) que foi difundido nas peças publicitárias do McDonald’s. Na pesquisa que subsidiou a dissertação “Jovens trabalhadores das redes de *fast food*: experiência de trabalho e subjetividade” – que foi realizada na época em que tal *slogan* estava sendo divulgado – alguns jovens trabalhadores se utilizaram desse *slogan* para falar de sua relação com a empresa.



autonomia e criatividade, às suas condições de saúde, às implicações em sua vida escolar e social) devem ser problematizados e deve-se lutar pelo cumprimento da legislação trabalhista, a fim de assegurar minimamente condições dignas de trabalho.

Entende-se que o corte geracional que caracteriza esses trabalhadores infere particularidades e agudiza o impacto do trabalho e suas conseqüências para esses sujeitos.

Reis (2007) afirma que

Não há dúvidas de que a corporação McDonald's contrata muitos jovens por ano no Brasil. Contudo estes jovens são para a empresa altamente "substituíveis e flexíveis" permanecendo pouco tempo no emprego. A desregulamentação se naturaliza durante estas relações de trabalho e assim que o jovem adquire certa experiência, procura outra oportunidade. O grande contingente de jovens desempregados que lutam por uma vaga no mercado de trabalho é conveniente para o McDonald's que ocupa-se de parte deste exército excedente, procurando rapidamente "conformar" o trabalhador em seu padrão de treinamento, sobretudo buscando passar para a sociedade uma imagem positivada das relações de trabalho no âmbito juvenil (REIS, 2007, p. 09).

A partir desses pressupostos e da compreensão de que o trabalho precário pode perpetuar o ciclo da pobreza, é que se pretende abordar a exploração e o descumprimento de legislações exercidos pela rede em questão e compreender de que forma os valores difundidos pela empresa são incorporados pelos jovens.

Considerando que "uma ideia importante do marxismo (...) é a de que a transformação de nossas ideias sobre a realidade e a transformação da realidade são processos que caminham juntos" (LOWY, 2010, 29), será problematizada a naturalização da exploração por parte dos jovens, dos clientes e da sociedade.

Os diferentes modelos produtivos, cada um com suas características mais marcantes buscam, ao fim, a apropriação cada vez maior da vida do trabalhador e dos sentidos que a ela podem ser dados, como bem exemplifica Alves (2011), quando se refere ao modelo japonês:

Na medida em que o toyotismo é obrigado a se apropriar da participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalho (Gramsci, 1984b), a "captura" da subjetividade do trabalho torna-se sua obsessão íntima, a partir da qual ele vai operar, por meio das inovações sociometabólicas, um duplo movimento hegemônico – incorporar valores de vida do trabalho na produção do capital (é a ideia de que *business* é vida) e estender valores-fetichismo da produção do capital na instância da reprodução social (a ideia de que vida é *business*). (ALVES, 2011, p.100, 101) Grifos do autor.

A partir de tal compreensão, é que se pretende pesquisar as formas de disseminação de ideologia nesses espaços e como se dá sua assimilação por parte dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, busca-se compreender as formas de luta por



direitos dos trabalhadores inseridos nesse segmento tentando, por fim, conhecer o modo como a ideologia opera na luta por direitos desses jovens trabalhadores.

2. FORMAS DE CONSCIÊNCIA E IDEOLOGIA

Para se tratar do processo de consciência à luz do pensamento marxista há que se discuti-lo em seu processo dialético. A própria forma como se está referindo a ele – considerando-o como processo – caracteriza seu movimento e dinâmica contínuos, que carregam consigo avanços, anacronismos e contradições. Nesse sentido, a consciência não é algo previamente dado e estático, mas pode vir a amadurecer e recrudescer, sempre se metamorfoseando em novas formas de consciência.

Iasi (2011) afirma, a partir de tal entendimento, que não é possível falar apenas em consciência, pois, sendo processo, não há um estado de “não consciência” (p.12), já que qualquer indivíduo possui uma forma de compreensão da realidade vivenciada.

A compreensão que se constrói sobre a realidade objetiva irá compor a formação do processo de consciência em diversos graus de aprofundamento de tais concepções. As relações do homem com outros homens e com a natureza dão o substrato para a construção dessas representações. Constrói-se subjetivamente uma interpretação de algo objetivo por meio da percepção de cada indivíduo.

É preciso compreender que tal processo não é algo que se desenvolve apenas individualmente. Se há uma construção em cada sujeito que se dá a partir de suas visões de mundo, tais visões sintetizam experiências sociais, que irão influenciar diretamente suas concepções e entendimentos sobre a sociedade. Aquilo que o indivíduo poderia ter como vivência singular vai, por meio da universalidade, compor experiências que vão particularizar determinado grupo social. Nas palavras de Iasi “esse processo é ao mesmo tempo múltiplo e uno. Cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções de mundo até outras, vive subjetivamente a trama de relações que compõe a base material de sua concepção de mundo”. (IASI, 2011, p.13).

Logo, essa linha universal que caracteriza o processo de consciência de classe congrega uma visão de mundo de determinado segmento social. Aquilo que supostamente apareceria, portanto, como manifestação individual, constrói uma forma particular de consciência de determinada classe.

A consciência de classe não é algo abstrato, seu processo se desenvolve a partir de condições materiais e objetivas, além de ter também como substrato as



construções subjetivas. Nesse sentido, é importante compreender que, embora seja síntese de uma materialidade, não é apenas seu reflexo. O processo de consciência nunca irá compreender o concreto como um todo, mas sua aparência, desvelando paulatinamente os véus que encobrem a essência da realidade. Além disso, vale destacar que não é o pensamento que produz a realidade, pelo contrário, o sujeito busca se aproximar do real por meio de um constante exercício mental e, somente a partir de tal exercício, é que a aproximação com a verdade pode ocorrer, assim como o desenvolvimento do processo de consciência.

Retomando a discussão sobre a relação entre a consciência de classe e o indivíduo, compreende-se que o sujeito carrega consigo experiências e vivências que irão compor sua história. Essa história, que lhe outorga uma visão de mundo, irá particularizar sua forma de compreensão da realidade. Assim, Iasi (2011) afirma que “a partir daí busca compreender o todo pela parte – ultrageneralização – o que consistirá, como veremos, em um dos mecanismos básicos de sua primeira forma de consciência” (IASI, 2011, p. 14). Essa primeira forma de consciência não se refere ainda à consciência de classe, mas diz respeito a uma primeira forma de interpretar a realidade.

Essa primeira leitura da realidade, com base em construções e vivências particulares, irá influenciar a forma como o sujeito lê e interpreta as relações com o mundo exterior. A interpretação do todo a partir de sua particularidade fará com que determinadas relações e situações sejam naturalizadas, enquanto outras serão negadas. Cria-se um suposto critério de verdade, fazendo com que o indivíduo assuma determinadas posturas como normas, partindo dessas para desenvolver suas atitudes, leituras e posicionamentos nos diferentes espaços societários. Logo, os espaços de primeira socialização do indivíduo, como a família e, posteriormente, a escola, terão um impacto significativo no desenvolvimento do processo de consciência dos sujeitos sociais. Com esse acúmulo previamente adquirido,

Outras transformações chegam ao indivíduo, não pela vivência imediata, chegam já sistematizadas na forma de pensamento elaborado, na forma de conhecimento, que busca compreender ou justificar a natureza das relações determinantes em cada época. Tais manifestações da consciência só agirão na formação da concepção de mundo do indivíduo algum tempo depois e, como tentaremos argumentar, sob uma base já sólida para que sejam aceitas como válidas (IASI, 2011, p. 15).

Assim, as esferas nas quais o sujeito se insere no decorrer do desenvolvimento de suas práticas sociais, o levarão a compor esse universo de significados e compreensões que constituirão suas relações com o mundo.



Para além das já citadas relações familiares e escolares – também determinadas previamente pelas relações de produção e reprodução sociais –, pode-se destacar diversas outras esferas cujas vivências ainda influenciarão esse processo, como o trabalho e a religião. Em ambos os casos, as determinações já chegam prontas ao indivíduo, cabendo a ele se adequar às normas e aos dogmas previamente estabelecidos.

No caso do trabalho, que é objeto do estudo aqui apresentado, Iasi (2011) faz importantes considerações que devem ser destacadas.

Aqui, de modo ainda mais claro, as relações já se encontravam predeterminadas, outros determinam o que se pode e o que não se pode fazer, o capital determina o como, o quando e o que fazer. Vender sua força de trabalho ao patrão em troca de um salário não é visto como algo absurdo, mas como algo perfeitamente “natural”. Sempre foi assim... sempre será..., nosso desejo submete-se à sobrevivência imediata... temos que trabalhar para viver, por isso nos submetemos. A lógica imposta pelo capital (externa), interioriza-se e nós mesmos nos levamos ao mercado para sermos esfolados... e nos alegramos quando algum capitalista dispõe-se a comprar nossa força de trabalho. Pregamos alegre e convictamente as ideias do capital como se fossem as nossas (IASI, 2011, p. 19, 20).

É possível compreender que a formação do processo de consciência do indivíduo perpassa diversas situações e, a partir delas, o mesmo constrói sua percepção. No entanto, tendo como substrato dessa concepção diversas vivências particulares em esferas com regras e normas previamente estabelecidas e determinadas, a compreensão do indivíduo se dá de forma generalizada, não correspondendo à noção real da realidade. Dessa forma, essa primeira forma de consciência acaba por se configurar como uma forma de alienação da realidade. Para Iasi (2011) a alienação se constitui como uma manifestação inicial da consciência, em que a ideologia, como forma de dominação, irá se instaurar. O professor destaca, no entanto, que ideologia não é o mesmo que alienação.

No modo de produção capitalista, a classe dominante detém não apenas os meios de produção, mas também – e conseqüentemente – o monopólio das ideias. Como já afirmaram Marx e Engels, “as ideias da classe dominante são em cada época as ideias da classe dominante” (MARX, ENGELS, 2007).

É importante destacar que o domínio das ideias se dá, inclusive, porque determinada classe é economicamente dominante. Não se trata, portanto, de mera questão subjetiva, mas objetiva, material e com bases concretas na realidade.

Esse domínio das ideias se dá tanto pela possibilidade de disseminação das ideologias (por meio do monopólio das grandes mídias, por exemplo), como também pela identificação dos sujeitos com sua realidade – que o restringe de vivenciar novas



experiências e desenvolver outras formas de visão de mundo não condicionadas ao capitalismo. Além disso, vai abarcar diversas esferas do tecido social, inserindo-se no universo do trabalhador tanto em suas relações de produção quanto de reprodução social.

Iasi trata da funcionalidade da ideologia na sociedade de classes.

Uma consciência social em uma sociedade dividida em classes antagônicas não pode ser a mera expressão das relações que conformam uma sociedade, mas a esta função se agrega outras dimensões essenciais: ocultamento/velamento, inversão, naturalização, justificativa e a apresentação do particular como se fosse universal. Sem estas dimensões o conceito marxiano de ideologia se esvazia. Uma consciência social que opera desta forma com a função de manter e reproduzir uma dominação de classe é, para Marx e Engels, uma ideologia (IASI, 2014, p. 113, 114).

O professor reforça, porém, que não há que se contrapor ideologia *versus* visão de mundo verdadeira, já que “a ideologia é a expressão das relações sociais dominantes que conformam um determinado modo de produção, neste sentido ela é uma visão de mundo correspondente” (IASI, 2014, p.120). Reitera-se aqui, portanto, a base material da ideologia. Iasi continua afirmando que

a materialidade dessas relações produtoras da alienação são expressas no universo das ideias como ideologia. São, nas palavras de Marx, relações materiais concebidas como ideias. A ideologia encontra na primeira forma de consciência uma base favorável para sua aceitação (IASI, 2011, p. 22).

O professor argumenta que a primeira forma de consciência constituiria a alienação devido ao fato de naturalizar as relações sociais, suas normas, forma e conteúdo. A generalização e a naturalização, como já referido anteriormente, não permitem que o sujeito conheça a realidade tal qual a mesma se apresenta, o que leva a uma visão a-histórica e não localizada socialmente.

Quando Marx e Engels nos chamam a atenção que a questão de saber se uma representação corresponde ou não a realidade é uma questão prática e não um mero problema do cognitivo, estão alertando para este aspecto. A questão da ideologia não é um mero desvio cognitivo que um sistema epistemológico adequado pode corrigir, o aspecto central da questão é sua função, isto é, que papel representa nas relações reais assumidas pelos seres humanos na produção social de suas vidas e, principalmente, nas relações entre os seres humanos. Estamos convencidos que na sua forma original, em Marx e Engels, a ideologia se diferencia essencialmente da consciência social por uma particularidade bem definida em sua função e esta só pode ser compreendida pela natureza particular das relações sociais que constituem a ordem das mercadorias e, depois, das classes sociais (IASI, 2014, p.107)



Apesar disso, como já sinalizado no início dessa discussão, o processo de consciência se dá em uma constante (re)construção, dinâmica e dialética que vai permitir a possibilidade de que essa primeira forma de consciência seja questionada.

Nesse sentido, a ideologia que aí se aloca não o faz também de uma vez para sempre, não é um dado atemporal, mas construído histórica e socialmente em determinados tipos de relações de produção e reprodução social. Logo, a medida que os sujeitos históricos vivenciam novas realidades, a ideologia e o processo de consciência irão se modificar, agregando novos valores e redescobrimdo diferentes visões de mundo.

Iasi (2011) afirma que esse conflito não necessariamente já levará à superação da alienação, mas que ocasionaria uma revolta que, em determinadas condições, possibilitaria a superação dessa primeira forma de consciência.

Um fator apontado pelo autor como facilitador dessa superação é que a contradição seja experimentada coletivamente. O salto da revolta individual para a superação coletiva da contradição exigiria organização e mobilização por parte dos envolvidos, que reconheceriam uma identidade entre si. Superado esse estranhamento, tem-se que os trabalhadores desenvolveram a “consciência em si”. Se organizam agora em busca da conquista de pautas coletivas por meio de grupos, movimentos e sindicatos, por exemplo.

Apesar de haver um salto qualitativo nesse processo, há que se ressaltar que muitas das lutas têm objetivo pontual, particular, corporativista e ainda no interior do modo capitalista de produção, sem o intuito de superá-lo.

Nesse sentido, “a consciência em si” – o reconhecimento enquanto classe inserida no capitalismo – deve ser superada a fim de que se desponte a “consciência para si” – momento em que esse modo de produção seria negado – levando à organização de uma luta em outra escala, acima de interesses particulares e em busca da emancipação humana (IASI, 2011, p.32). Essa tarefa transcende a luta individual ou de um pequeno grupo e deve ser assumida pela classe social.

No entanto, o fato de se almejar uma luta de maior envergadura não impede que sejam travadas batalhas pela defesa dos direitos dos trabalhadores. É importante ter como norte a supressão da sociedade burguesa. Porém, enquanto nela inseridos, os esforços despendidos para lutas políticas, sociais e econômicas se fazem necessários.

CONCLUSÃO



As redes de *fast food* investem em diversas estratégias a fim de ampliar sua acumulação – explorando os trabalhadores e disseminando uma determinada ideologia que as sustentam.

Sabe-se, no entanto, que a exploração não se dá sem enfrentar a resistência da classe trabalhadora. São diversas as maneiras pelas quais os trabalhadores resistem, que irão, portanto, permear as diversas formas de consciência de classe.

Nesse sentido, a tese que está sendo desenvolvida e que deu base para esse artigo buscará compreender as formas de luta e resistência dos trabalhadores, desde ações cotidianas (individuais ou coletivas) até formas de organização de classe ou da categoria. Em outras palavras, será pesquisado como se dá a luta por direitos dos trabalhadores inseridos nesse segmento, as motivações (e impedimentos) que fazem com que esses trabalhadores se organizem (ou não) na luta por direitos buscando compreender, por fim de que forma a ideologia opera na luta por direitos desses jovens trabalhadores.

O estudo terá como categorias analíticas centrais “ideologia”, “consciência de classe”, “trabalho” e “direito”. No projeto de tese já foram desenvolvidas breves aproximações com os debates sobre ideologia e direito (como forma jurídica vigente no sistema capitalista), resgatando discussões desenvolvidas por pensadores marxistas sobre ambas as temáticas, a fim de introduzir algumas questões elementares que serão aprofundadas na tese.

Posteriormente, será realizada uma pesquisa de campo junto a esses jovens trabalhadores, a fim de conhecer suas leituras da realidade. Por fim, espera-se que a sistematização dos estudos que serão realizados possam contribuir com a luta pelos direitos da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade**. O espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

BRASIL DE FATO. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/>>. Acesso em 20 mar. de 2013.

CAMPOS, A. **Juventude e Ação Sindical**. Crítica ao trabalho indecente. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2010.

IASI, M. **Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais**. In DEL ROIO, M. (org). Marx e a dialética da sociedade civil. Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2014.



_____. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LÖWY, M. **Ideologias e Ciência Social**. Elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo, 2007.

MCDONALD'S BRASIL. Disponível em: <http://www.mcdonalds.com.br>. Acesso em 18 de dezembro de 2016.

POCHMANN, M. **A inserção ocupacional e os empregos dos jovens**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 1998.

REIS, A. M. D. **Relações de trabalho no mundo juvenil: o caso da corporação McDonald's**. Associação Nacional de História – ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2007.

ROSA, L. B. P. **Jovens trabalhadores das redes de fast food: experiência de trabalho e subjetividade**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). UFJF, Juiz de Fora, 2013.

SPOSITO, M. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadoras e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.